

## A inserção do Brasil no novo ciclo internacional de migrações

Aurílio Sérgio Costa Caiado\*

**PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo, FNUAP, vol. 1, 1995.**

O livro coordenado pela professora Neide Patarra representa uma importante contribuição ao debate sobre os novos movimentos migratórios internacionais. É fruto do esforço de vários pesquisadores interessados em compreender o recente processo de migração no contexto da globalização.

Além do grande mérito dos artigos e comunicações publicados, que comentarei a seguir, merece destaque o fato de este ser o primeiro produto público do Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, iniciativa pioneira no país, realizado conjuntamente pelo Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional (NESUR) do Instituto de Economia da Unicamp e pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO) da mesma Universidade, com financiamento do Fundo das Nações Unidas para Atividades em População (FNUAP) e apoio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC). Iniciado em 1994, o mesmo ano da realização da Conferência Internacional sobre Popula-

ção e Desenvolvimento, no Cairo, o Programa congrega pesquisadores de diversas instituições nacionais e tem possibilitado a articulação de uma rede nacional e internacional de estudiosos do tema.

O livro está dividido em três partes. A primeira apresenta 12 artigos agrupados em quatro subtemas. A segunda, dividida em dois blocos, transcreve as comunicações feitas no seminário *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*, evento em que foram apresentados todos os trabalhos reunidos no livro. Na terceira parte, finalmente, encontramos, como anexos, o *Estatuto do estrangeiro* e o programa do seminário.

Um primeiro conjunto de artigos é agrupado sob o título *Migrações internacionais: antecedentes históricos e características gerais*. No artigo "Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico", Maria Sílvia B. Bassanezi apresenta um panorama histórico das migrações internacionais no Brasil, buscando detectar algumas especificidades e alguns aspectos comuns das principais

\* Chefe da Divisão de Estudos Regionais da Fundação SEADE e doutorando em Economia, área de Políticas Sociais, no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

correntes migratórias. Analisando as motivações e os números das migrações de portugueses, italianos, espanhóis, japoneses e alemães, a autora chama a atenção para os fatores, alguns comuns, outros peculiares, que tiveram importância no processo de fixação e adaptação interativa dos imigrantes no país. Destaca o papel desempenhado pelos governos dos países de origem na proteção e suporte técnico e econômico aos emigrantes nos países de destino; a contribuição da Igreja na assistência espiritual e social; o desempenho das redes familiares e de solidariedade no apoio mútuo de seus integrantes; a atuação das associações cooperativas de imigrantes; a bagagem sociocultural e o grau de expectativa de retorno como elementos relevantes no processo de inserção e adaptação dos imigrantes. Esses foram, segundo Bassanezi, os principais fatores responsáveis pela configuração da imagem do Brasil como um país receptor e aberto à convivência, cuja integração de culturas e etnias plasmou sua configuração socioeconômica, cultural e política.

A autora, entretanto, não se restringe ao estudo histórico do fenômeno da imigração. Faz também uma análise do processo migratório atual, concluindo que o Brasil, neste final de século, passou a ser um país *emigrantista*. Hoje, brasileiros migram para os Estados Unidos, Europa e Japão, numa situação totalmente diversa daquela vivenciada desde os primórdios da colonização portuguesa até meados deste século, quando o país se definia essencialmente como receptor de imigrantes.

Carlos Vainer nos brinda com um instigante artigo intitulado "Estado e imigração internacional: da imigração à emigração", no qual a emigração é analisada não como simples situação transitória ou mera experiência particular, mas como fato social global. O autor propõe que, para nos capacitarmos a pensar a emigração brasileira, precisamos mergulhar na nossa história e nos nossos mitos,

indagando-nos sobre o próprio processo de construção do Estado nacional e da nacionalidade, das identidades que esse país engendrou e das novas experiências de solidariedade e de subordinação que a emigração pode agregar ao nosso patrimônio como nação.

O artigo analisa como o Estado brasileiro engendrou e geriu o fluxo imigratório, destacando o papel que atribuiu ao imigrante nos processos de ocupação do território, de constituição de uma oferta de força de trabalho e de construção da nacionalidade. Em outras palavras: partindo de nossa experiência como país de imigração, Vainer revisita o debate sobre a política imigratória nacional, olhando-a sob o prisma da razão de Estado, "síntese perfeita da razão econômica, da razão racial e da razão política". Utilizando-se do conceito de assimilação, integração plena do imigrante à nacionalidade e do debate sobre a eugenia, levanta a condição de estrangeiro do imigrado, sempre presente no debate, e a diferença entre ser estrangeiro e ser imigrado. Segundo o autor, "enquanto a categoria de estrangeiro remete essencialmente e, antes de mais nada, a um estatuto jurídico, a categoria *imigrado* refere-se a uma condição social. Nesta e para esta condição social é que o estatuto jurídico de *estrangeiro* ganha novos significados e passa a funcionar como discriminante político, econômico e cultural. E, como é sabido, a discriminação estigmatizante tende a ser tanto maior quanto o Estado-nação de origem ocupa uma posição hierarquicamente inferior (econômica, política, simbólica) *vis-à-vis* o Estado-nação receptor."

Sua conclusão é a de que o Estado nacional do país de origem, mesmo quando absolutamente omissivo, continua presente e operando socialmente para o *emigrante nacional* que se fez *imigrado estrangeiro* em outras terras. Nas palavras do autor: "a emigração denuncia a sociedade e o Estado de origem [...] [e a] sociedade e o Estado receptores, [...] [pondo] a nu, num mundo contemporâneo que se quer globalizado e sem fron-

teiras, relações assimétricas entre Estados nacionais que, transpostas para a experiência cotidiana dos imigrados, são vividas como discriminação, exploração e dominação”.

Por fim, analisando a emigração recente de brasileiros, Vainer alerta que, se a emigração-imigração constitui incontestavelmente um fato social que permite (exige) um enfoque global, não é menos verdade que se faz necessário caminhar cuidadosamente na investigação acerca dos processos sociais que engendram cada um dos grupos sociais específicos inscritos estatisticamente como emigrados/imigrados.

Fausto Brito, no artigo “Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo”, descreve com muita clareza a contribuição dos deslocamentos populacionais internacionais para a constituição e o desenvolvimento do sistema capitalista em seus diversos ciclos, especialmente para a povoação, a formação de mercados de trabalho nacionais e a constituição de nacionalidades.

O autor mostra como a crise fiscal do Estado, a reestruturação produtiva da chamada Terceira Revolução Industrial e o processo de globalização da economia têm provocado uma crise no *Welfare State*, tornado o mercado de trabalho mais seletivo e competitivo e gerado um excedente estrutural de força de trabalho, e que essas questões estão na raiz do ambiente cada vez mais adverso enfrentado pelos imigrantes, outrora tão bem-vindos e necessários.

Numa construção inteligente, Brito aponta que, se na época da Segunda Revolução Industrial a intensificação das migrações, predominantemente do Velho para o Novo Mundo, foi facilitada pelo progresso técnico nos transportes, agora um outro fenômeno tende a ser decisivo. Na “sociedade global” que emerge da globalização da economia, os processos sociais, antes limitados às fronteiras de cada Estado-nação, tendem a se internacionalizar. A instantaneidade das infor-

mações difundidas pelos modernos sistemas de comunicações traz consigo normas e valores que se internacionalizam, possibilitando a diferentes povos a redefinição de padrões e aspirações de comportamento na construção de um novo imaginário sobre o seu e os outros países. Segundo o autor, é com base nesse novo imaginário que o migrante potencial cria sua “ilusão migratória”, sem a qual ninguém migra à longa distância, principalmente entre países. Brito admite que existe também uma “racionalidade” da migração, baseada no cálculo dos custos e benefícios, mas que esta, igualmente, está condicionada por processos sociais internacionalizados.

Embora destaque o importante papel desempenhado pelas redes *sociais de cooperação*, formadas por migrantes estabelecidos, para a adaptação do novo imigrante, o autor adverte que, no limite, estas tendem “a reforçar verdadeiros guetos de imigrantes, onde, interagindo entre si, se defendem da difícil integração na sociedade e economia dos países mais avançados”.

Para Brito, a integração social do imigrante é hoje praticamente impossível para a grande maioria, não só pela competitividade no mercado de trabalho e pela quase total impossibilidade de se deslocar para o seu espaço principal, ou pelas diferenças socioculturais e os preconceitos, mas também pelas restrições à integração de imigrantes impostas recentemente por diversos países. O autor cunha o termo *cultura da passagem* para explicar o processo gerado pelas dificuldades de integração e como defesa social.

Uma das conclusões do artigo é que, se no final do século passado e início deste as migrações tendiam a ser permanentes e os migrantes se integravam econômica e socialmente nos países de destino, atualmente a realidade migratória é distinta: as migrações tendem, em sua maioria, a ser cada vez mais temporárias e os migrantes, meros trabalhadores que circulam internacionalmente.

Elizabete Dória Bilac, no artigo "Gênero, família e migrações internacionais", faz um competente apanhado do "estado das artes", afirmando que a falta de unidade teórica ou metodológica da bibliografia sobre o tema revela, pela diversidade, que a preocupação com a feminização da migração foi contestada em diferentes níveis e em análise, de escopo, de preocupações e em diferentes linhas de pensamento. Observa, contudo, que no conjunto ela foi extremamente importante, por três motivos. Primeiro, porque, ao desvendar as especificidades da migração feminina, colocou em discussão o próprio impacto das políticas migratórias internacionais no *status* das migrantes nos países de origem e nos países receptores. Segundo, por suas implicações também em termos teóricos. E terceiro, a análise da bibliografia sugere ser possível resgatar a *consustancialidade dos mecanismos de classe, gênero e etnia* na conformação dos processos migratórios e na inserção de migrantes na sociedade receptora.

A autora desenvolve sua análise baseada no princípio da consustancialidade das relações de classe, gênero e etnia, consideradas tanto no nível micro quanto no nível macro de análise. Embora admita que "o gênero, sozinho, é insuficiente para especificar as condições da mulher migrante, dentro e fora de seu país de origem", alerta que "a divisão do trabalho é social e é sexuada e que não é estranho a essa dimensão sexuada o fato de que a produção *offshore* esteja ocorrendo em ramos da produção vinculados a qualidades e habilidades tradicionalmente consideradas femininas, ou ainda o fato de que o trabalho domiciliar ocorra associado ao trabalho doméstico".

Fechando essa primeira temática, Neide Patarra e Rosana Baeninger apresentam um artigo intitulado "Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil", onde fazem uma competente descrição da cronologia da imigração do período escravocrata até o encerramento da

vocação receptora nacional, na década de 1950. Segundo elas, desde então, até o Censo Demográfico de 1980, os demógrafos trabalharam com os dados populacionais considerando a população brasileira fechada, ou seja, movendo-se apenas pelos níveis de mortalidade e fecundidade, uma vez que era bastante pequena a participação da população estrangeira no total da população nacional. Esse panorama modificou-se, porém, na década de 80, quando os movimentos migratórios internacionais passaram a constituir uma questão emergente, avolumando-se, tornando-se visíveis e notórios, constituindo-se numa das expressões da crise econômico-social e do impacto do processo de reestruturação produtiva em âmbito mundial.

As autoras mostram como o país, tradicionalmente conhecido como nação aberta e acolhedora, receptora de estrangeiros – que tiveram forte peso na constituição de sua vida econômica, social, política e cultural a partir dos movimentos migratórios do final do século passado e primeiras décadas deste –, vive atualmente uma situação inversa, com a emigração de inúmeros brasileiros principalmente para os Estados Unidos, Japão e América Latina. Após elaborarem uma competente construção ligando os atuais movimentos migratórios internacionais às transformações da dinâmica do capitalismo, caracterizadas pela globalização da produção, afirmam que os deslocamentos emergentes de brasileiros para o exterior inserem-se nesse contexto internacional e, embora de pouca expressão numérica, são reveladores dos efeitos da crise da internacionalização crescente e da desigualdade econômica e social.

Patarra e Baeninger também apresentam um minucioso levantamento (uma garimpagem) de fontes variadas, com o objetivo de quantificar a emigração brasileira por país de destino, os movimentos transfronteiriços e a recente onda de entrada de sul-americanos indocumentados em São Paulo, cidade que pro-

vavelmente dominará a hierarquia das cidades latino-americanas.

Um segundo conjunto de artigos, agrupados sob o título *Fluxos migratórios de brasileiros para o exterior*, apresenta três estudos de caso de excelente qualidade: sobre o imigrante brasileiro nos Estados Unidos, sobre o caso dos *dekasseguis* e sobre os migrantes brasileiros na Europa Ocidental. Os três artigos têm em comum uma sólida ancoragem teórica a explicar/insérer o atual movimento emigratório brasileiro no bojo das transformações por que tem passado o sistema capitalista, mas também como saída individual para a mobilidade social truncada por mais de uma década de crise econômica.

Teresa Sales, no artigo "O trabalhador brasileiro no contexto das migrações internacionais", procura responder à pergunta: por que migram os brasileiros? Para ela, a chamada "década perdida" foi muito mais do que uma época de recessão econômica, porque nela a sociedade brasileira se mobilizou e criou esperanças. A autora aponta que o fator político teve um peso na balança dessas migrações internacionais brasileiras, se se considera as esperanças e frustrações dos primeiros anos de nossa redemocratização. Recessão econômica e as esperanças e frustrações da década de 1980 foram, portanto, segundo ela, as condições que motivaram, de forma mais imediata, o fluxo de brasileiros para o exterior. Mas Sales alerta que, mesmo que em momentos promissores possa haver um movimento migratório de retorno, uma vez estabelecido o fluxo, dificilmente este regride totalmente e a tendência é de continuidade, sobretudo levando em conta as redes sociais e de mercado de trabalho já estabelecidas.

Rosa Ester Rossini, que se tem dedicado nos últimos anos, dentre outras coisas, ao estudo dos *dekasseguis*, apresenta o artigo "O retorno às origens ou o sonho do encontro com o Eldorado: o exemplo dos *dekasseguis* no Brasil em direção ao Japão", no qual brinda os lei-

tores com uma detalhada descrição da constituição desse fluxo migratório: seu aparato legal, o agenciamento, a viagem e a vida dos *dekasseguis*. Rossini relata as aventuras, os tipos de trabalhos e as dificuldades encontradas por este segmento, mostrando as especificidades e peculiaridades desse fluxo migratório, que se tem caracterizado por um forte componente étnico: só são aceitos *nikkeis* – japoneses e seus descendentes. Em sua maioria na faixa etária produtiva, os *dekasseguis* geralmente migram sozinhos para exercer trabalhos não especializados e temporários, assumindo o compromisso com os parentes que ficam de retornar ao Brasil após conseguir juntar uma quantia razoável de dinheiro.

O artigo "Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar", de autoria de Lúcia Bógus, analisa o contexto da imigração na França, Alemanha, Itália e Portugal no período pós-Segunda Guerra Mundial, localizando a presença de brasileiros emigrados para esses países, quantificando-os e apontando os contornos de seus perfis, seus anseios e motivações.

O terceiro conjunto de textos está reunido sob o título *Fluxos migratórios para o Brasil* e apresenta dois artigos. José Teixeira Ribeiro, que aborda o fluxo migratório África-Brasil, com destaque para Angola, trata do novo fluxo de entrada de africanos no Brasil, agora determinado por conflitos e perseguições políticas, étnicas e religiosas. Ribeiro mostra que tem crescido o número de africanos evadidos que aportam no Brasil atualmente, disfarçados de estudantes ou mesmo de refugiados políticos. Roseli Galleti analisa os migrantes estrangeiros no centro de São Paulo, enfocando os casos recentes de ingresso de coreanos e bolivianos, que se vêm inserindo aos poucos em espaços da cidade anteriormente ocupados por imigrantes de origens judia e árabe, os primeiros como proprietários e os segundos, bolivianos e outros latino-americanos indocumenta-

dos, como mão-de-obra urbana superexplorada, nos interstícios ilegais da produção familiar e da comercialização clandestina.

O contexto Mercosul é o título do quarto conjunto temático, que reúne os artigos de Celso Amorim Salim, "A questão dos brasiguaios e o Mercosul", e de Bastiaan Reydon e Ludwig Agurto Plata, "Migrações e o mercado de terras agrícolas no Cone Sul". Estes trabalhos, de excelente nível técnico, analisam o movimento transfronteiriço incentivado pela expansão da propriedade de terras paraguaias por brasileiros que, no período de expansão da fronteira agrícola brasileira, transpuseram as fronteiras nacionais, impulsionados pelo diferencial no preço da terra, para alguns, ou pela possibilidade de trabalho e rendimento no cultivo, para outros. Hoje, os chamados "brasiguaios", sem terras, pauperizados e muitas vezes discriminados, saem do anonimato e são expressão de um problema social e econômico gerado pela mobilidade social truncada, que se expressou não somente nas camadas médias urbanas, mas teve também, com eles, sua face rural.

Além dos artigos citados, o livro publica também o conjunto das comunicações apresentadas durante o seminário. As duas primeiras foram feitas por membros da Pastoral do Migrante: "A presença da Igreja entre os migrantes latino-americanos em São Paulo", por Sidney Silva e Isaldo Bettin, e os "Migrantes laborais na América do Sul: o caso dos bolivianos", por Sidney Silva.

Seguem-se as comunicações apresentadas pelos convidados internacionais, renomados pesquisadores sul-americanos que aqui vieram falar sobre os movimentos de população no contexto do Cone Sul. A uruguaia Adela Pellegrino enfocou a migração internacional em seu país e, após relatar a sua complexidade e o seu impacto

para a sociedade uruguaia, ressaltou que "o caso uruguaio põe em evidência que a análise da migração internacional é crescentemente complexa e a tarefa de construir explicações globais sobre o fenômeno costuma dar resultados em níveis gerais. As teorias sobre migração internacional têm um valor explicativo para a análise 'ex post' porém seu poder preditivo é bastante limitado." A pesquisadora argentina Alicia Maguid apresentou a comunicação "Desafios metodológicos e sistemas de informações no Mercosul" e o paraguaio Tomás Palau, o trabalho "Migração transfronteiriça entre Brasil e Paraguai: o caso dos brasiguaios".

Por fim, o livro traz o programa do seminário que lhe deu origem e uma contribuição adicional aos pesquisadores, apresentando o *Estatuto do estrangeiro* (Lei Federal 6.815, de 19/8/1980, alterada pela Lei 6.964, de 9/1/1991).

A tarefa de resenhar um livro com textos tão bem formulados, com referenciais teóricos bem marcados e escritos por profissionais de sólida formação e renomada competência sem dúvida é um desafio. Aceitei-o por saber não ser difícil despertar o interesse do leitor por sua leitura. Muito menos que uma resenha, procurei destacar alguns pontos de cada texto para mostrar ao leitor a diversidade de abordagens e a riqueza que o livro contém. Sua leitura é passagem obrigatória para quem procura entender as reais determinações dessa emergente problemática.

A professora Neide Lopes Patarra merece todos os elogios pela publicação do conteúdo do seminário Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo e pela iniciativa de montar o Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, o qual, esperamos que continue apresentando produtos como o livro em questão. Sua leitura é indispensável.

(Recebido para publicação em junho de 1996)